

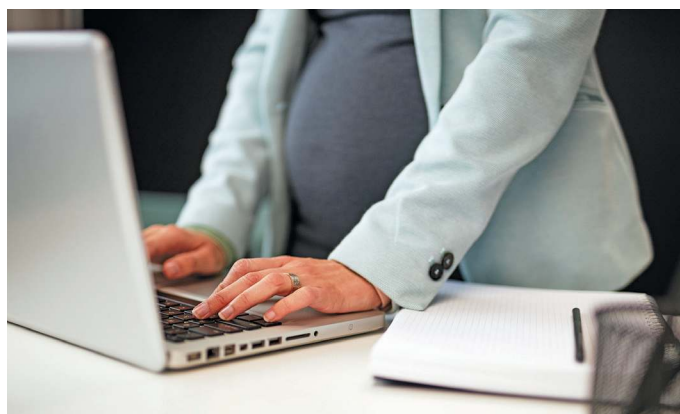
Maternidade x mercado de trabalho

Além do custo de vida, a busca pelo reconhecimento no mercado de trabalho é uma das maiores influências na decisão, especialmente entre as mulheres. Segundo a psicóloga e doutora Laura Ribeiro, muitas optam por adiar ou até renunciar à maternidade por medo de sofrer impactos significativos na trajetória profissional.

Uma pesquisa recente realizada pela Catho, plataforma gratuita de empregos, mostrou que 60% das mães entrevistadas no Brasil não estão empregadas. O levantamento, feito em abril de 2025, destaca que entre as mulheres que possuem vínculo empregatício, quase 60% ocupam cargos operacionais, enquanto apenas 15% atuam em posições de gestão ou liderança.

Os dados ainda evidenciam um cenário de desigualdade e preconceito: 83,7% das entrevistadas afirmaram ter sido questionadas mais de uma vez sobre filhos durante processos seletivos — uma prática considerada discriminatória no país.

Além do receio quanto aos impactos no crescimento profissional, há a dificuldade de conciliação entre vida profissional e pessoal. Embora cada vez mais presente nas discussões corporativas, a dupla jornada de trabalho continua sendo um empecilho para muitas mães. “Há mulheres que fazem esta escolha com receio de sofrerem prejuízos em suas carreiras ao se tornarem mães. Porque há, de fato, uma jornada dupla ou tripla de trabalho (carreira, maternidade e tarefas domésticas)”, elucida Laura.



Licença maternidade

No Brasil, enquanto as mães têm quatro meses de licença legal, os pais contam com cinco dias apenas. As companhias que aderem ao programa Empresa Cidadã, que tem como contrapartida benefícios fiscais, concedem 20 dias aos pais e seis meses para as mães. Para equilibrar essas duas esferas, as participantes do estudo afirmaram valorizar horários flexíveis, plano de saúde para dependentes e modelo de trabalho híbrido.

Literatura

O Impulso, livro da escritora Ashley Audrin, é uma reflexão honesta e corajosa sobre a maternidade, mostrando seus encantos e dores sem romantizar a experiência. Na ficção, acompanhamos a história de Blythe, uma mulher que se sente deslocada após o nascimento da filha.

A obra tem foco nas dinâmicas familiares: o afastamento do casal após o nascimento do bebê, a importância de uma rede de apoio em diferentes situações e a pressão social exercida sobre a mulher para manter o casamento saudável e feliz, enquanto cuida do recém-nascido e da própria casa.

Mais do que discutir o desejo de não ser mãe, é essencial reconhecer que as mulheres têm o direito de escolher: sonhar com a maternidade, construir uma família e serem bem-sucedidas enquanto fazem isso, ou simplesmente optar por não ter filhos. Uma escolha não invalida a outra.

Liberdade feminina

Independentemente de quais sejam os motivos que levaram a essa escolha, é importante reconhecê-la como legítima. A liberdade feminina de decidir não ter filhos representa um avanço importante na autonomia das mulheres sobre seus próprios corpos, desejos e projetos de vida.

“Embora ainda sejam escassas no Brasil, pesquisas sobre esse fenômeno são fundamentais e precisam ultrapassar as barreiras acadêmicas, contribuindo para um debate mais amplo na sociedade”, salienta Laura.

A realização pessoal pode vir de muitas formas além da maternidade: na carreira, nas relações, nas viagens, nas causas que defendem ou, simplesmente, no direito de viver sem atender a expectativas externas.

Por esse motivo, falar sobre a maternidade de uma forma justa e sincera pode ser o apoio que muitas mulheres que já são mães, ou que estão na dúvida se devem engravidar, precisam. Essa conversa pode estar presente em filmes, séries, obras literárias ou programas de televisão e podcasts. ■

